A América Latina é o novo epicentro da pandemia?

Thiago Periard do Amaral
Norberto Martins Vieira[1]

No dia 22 de maio de 2020, a Organização Mundial de Saúde afirmou que "em um sentido a América do Sul se transformou em um novo epicentro da doença, vimos muitos países com números aumentando de casos e claramente há uma preocupação em muitos desses países. Mas o mais afetado é o Brasil"[2] Na noite de 21 de maio de 2020, o Ministério da Saúde anunciou que o país havia rompido a barreira dos 20 mil mortos e o número de novos casos só foi menor que o verificado nos Estados Unidos da América (EUA). Diante dessa situação cada vez mais tenebrosa, é necessário tentar compreender a situação nacional através de uma comparação com o que está ocorrendo em outros países, pois só assim saberemos se a condução das políticas internas estão obtendo resultados em linha com os obtidos ao redor do mundo. Obviamente, cada país conta com suas próprias peculiaridades e idiossincrasias, portanto, o objetivo deste estudo não é oferecer uma resposta definitiva, mas ao contrário, interrogar quão particular é a situação vivida pelo país neste momento.

Para responder essa pergunta foram usados dados do site "Our World in Data", mantido pela Universidade de Oxford, que oferece uma base de dados bastante abrangente e atualizada sobre a evolução do COVID-19 em mais de 200 países do mundo.[3]

Ao contrário de nosso estudo anterior, onde queríamos mostrar a curva de contaminação em países selecionados, neste estudo optamos por apresentar os dados de uma maneira diferente e mais abrangente. O objetivo aqui se resumiu em calcular a taxa de crescimento diário, ao longo dos últimos 10 dias (entre 10 de maio 2020 e 21 de maio de 2020), das infecções por coronavírus em todos os países do mundo. Posteriormente, esses países foram classificados em 5 grupos, de acordo com a magnitude de suas taxas diárias de contágio.

Os resultados obtidos foram resumidos no mapa abaixo, que permite algumas considerações interessantes sobre a situação atual da pandemia no mundo. Em primeiro lugar, foram destacados os países que apresentam uma trajetória bastante comportada na evolução dos casos. Nesse primeiro grupo de países, que destacamos em verde no mapa, a taxa de crescimento dos casos ficou entre 0 e 1% ao dia. Esses países são aqueles onde se pode dizer com um maior grau de segurança que a curva de contágio da primeira onda do vírus foi "achatada". O ritmo de crescimento baixo dos novos casos permite a estes países uma maior confiança no retorno das atividades econômicas, já que a duplicação do número de casos somente ocorreria num horizonte de tempo superior a 2 meses, a tempo para a organização de uma adequada resposta hospitalar.

[1] Professores do Departamento de Economia da Universidade Federal de São João del Rei
[2] A afirmação do diretor de emergências da OMS pode ser vista em:https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2020/05/22/oms-am-do-sul-e-um-novo-epicentro-e-nao-recomenda-uso-amplo-de-cloroquina.htm
[3] A base de dados pode ser baixada em:https://ourworldindata.org/coronavirus-source-data

Entre esses países que tiveram maior sucesso na contenção da pandemia está a China, que apesar de ter sido o primeiro país a registrar casos, rapidamente obteve sucesso em controlar a disseminação do COVID-19, com os números recentes de novos casos girando em torno de 10 casos por dia. Além da China, a grande maioria dos países da Europa Ocidental também apresentam uma taxa de crescimento menor que 1%, dentre eles Alemanha, França e Itália. Outros países bem sucedidos como Austrália, Nova Zelândia, Coreia do Sul e Japão também apresentaram nos últimos dias uma taxa de crescimento dos casos de COVID-19 menor que 1%. Na América Latina, apenas Uruguai, Suriname, Cuba e Belize apresentaram uma evolução nas contaminações nos últimos 10 dias inferior a 1%.

No segundo grupo de países, em amarelo no mapa, estão aqueles que tiveram uma taxa diária de crescimento nas infecções entre 1 e 3%. Com uma taxa de 3% ao dia o número de casos levaria cerca de 24 dias para dobrar de número, enquanto com uma taxa de 1% ao dia a duplicação de casos ocorreria em 70 dias. Nesta faixa estão países com uma trajetória positiva no "achatamento" da curva, mas que ainda não dispõem de uma margem de manobra tão grande. Nesses grupo se destacam os países desenvolvidos que foram mais reticentes em tomar atitudes mais rigorosas de afastamento social, como os Estados Unidos, Reino Unido e Suécia. Vários países do leste europeu, que demoraram mais a sentir os efeitos da pandemia, também se encontram neste segundo grupo. Na América do Sul cabe destacar que apenas Paraguai, Equador e Guiana tiveram taxas de crescimento entre 3 e 6% nos últimos 10 dias.

No terceiro grupo, em laranja no mapa, estão os países com taxas diárias de crescimento nos casos de COVID-19 entre 3 e 6%. Com essa taxa a duplicação de casos ocorreria num intervalo entre 12 e 24 dias. Nesse grupo, a dinâmica de contaminações ainda não permite ao poder público o controle total da situação sanitária, dado que em apenas 12 dias o país em questão poderia ver dobrar o total de doentes e, consequentemente, o aumento proporcional da demanda hospitalar. Muitos países do mundo ainda se encontram nesse patamar de avanço da doença, sendo Rússia e Índia os principais destaques a serem feitos. Na África, Egito, Nigeria e Africa do Sul também tiveram esse perfil de velocidade no aumento de casos nos últimos 10 dias, mostrando que apesar do relativo atraso da chegada da pandemia no continente, a situação começa a preocupar. Na América Latina também se pode observar muitos países da região nesse grupo, com México, Argentina e Colombia como principais representantes.

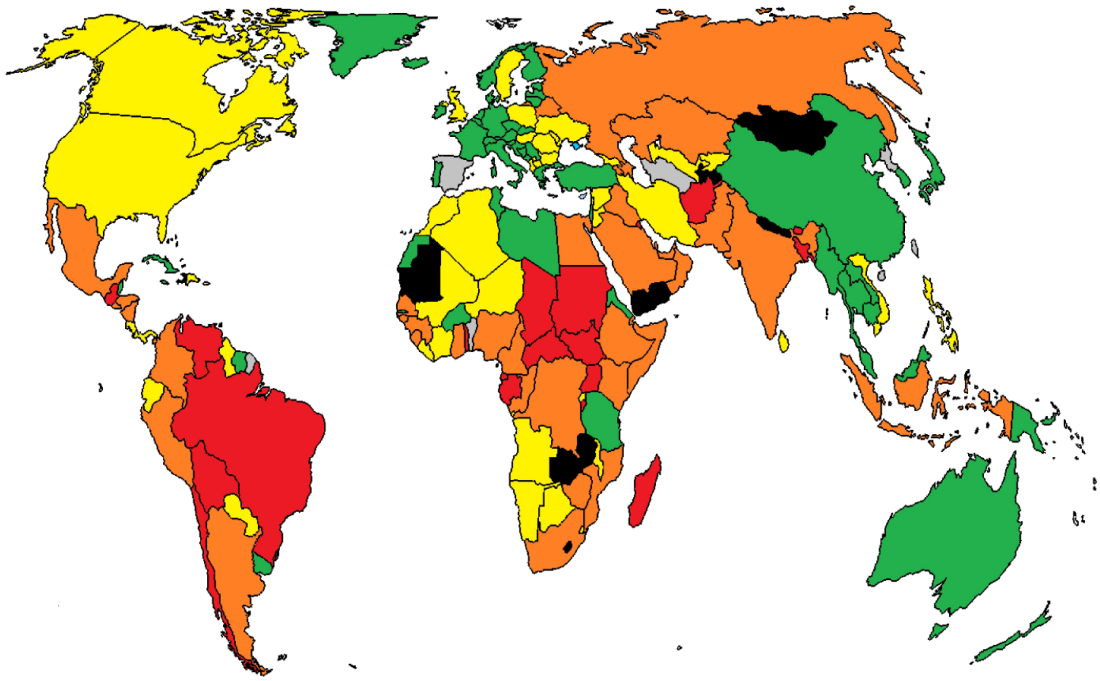
No quarto grupo, separou-se os países que dobraram o número de contaminados em um intervalo entre 8 e 12 dias, o que acarreta em taxas de crescimento entre 6 e 10%. Estes dados confirmam a preocupação da OMS com o fato da America latina estar se tornando o novo epicentro da doença. Venezuela, Bolivia, Argentina e Brasil se enquadram nessa grupo, na qual o numero de contaminados dobrou em menos de 2 semanas. Além da América Latina, outra região que deve preocupar as autoridades sanitárias globais são os países da região central da África, como o Chade, a Republica Centro Africana e o Sudão. Por se tratar de um região com menores condições de oferta de serviços médicos, os impactos do COVID-19 podem acarretar em uma maior calamidade humanitária.

Por fim, o último grupo é daqueles países onde a duplicação de casos ocorreu em um espaço inferior a uma semana, ou seja, aqueles que apresentaram taxas de crescimento das infecções superior a 10%. Embora composto por apenas 8 países a preocupação é extrema, pois apresentam um perfil de desenvolvimento socioeconômico

já bastante debilitado, o que dificulta a possibilidade de uma resposta adequada aos desafios postos pelo novo coronavírus. Mauritania, Nepal, Haiti, Iêmen, Mongólia, Zambia, Tajiquistão e Comores são os países que compõem esse de pior evolução em termos de aumento das contaminações nos últimos 10 dias.

A visão apresentada pela OMS de que a America Latina é um dos pontos mais preocupantes do planeta na administração do combate ao coronavírus não é sem motivos. Muitos países da região ainda se encontram com taxas bastante elevadas de contaminação e, dada tal rapidez, as respostas dos sistemas de saúde podem não serem capazes de evitar uma disparada na taxas de mortalidade. Apesar de nenhum país além do Haiti estar no grupo de pior evolução das contaminações, a maioria da região ainda se encontra num patamar perigosamente próximo da perda de controle da situação. Desta forma, seguir, e até mesmo aprofundar, as políticas adotadas pelos grupos que conseguiram melhores resultados no combate ao COVID-19 ainda parece ser uma necessidade na região.

Taxa de crescimento diário dos casos de COVID-19 entre 11/05/2020 e 21/05/2020



Fonte: Our World in Data